



O ESPAÇO-TEMPO DO ESPERANÇAR DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19 NO GRUPO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NATURAIS – GPECIEN DA UFFS – REALEZA - PR

Jackson Luís Martins Cacciamani (jackson.cacciamani@uffs.edu.br)

Sandra Maria Wirzbicki (sandra.wirzbicki@uffs.edu.br (email)

Caroline Heinig Voltolini (carolinevoltolini@uffs.edu.br)

Milena Sávio Pastorini Paz (milena.pastorini2016@gmail.com)

Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia (ronaldo.garcia@uffs.edu.br)

Carlos Eduardo Cereto (carlos.cereto@uffs.edu.br)

Berta Lúcia Pereira Villagra (berta.villagra@uffs.edu.br)

Andréia Florêncio Eduardo (andreia.eduardo@uffs.edu.br)

Eixo temático (Experiências de Formação)

1. INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência procura construir um movimento de análise, de reflexão e de teorização acerca do momento que estamos vivenciando com a pandemia do Covid-19, especialmente, no que diz respeito aos processos educativos tanto na escola da Educação Básica quanto na Universidade. A pandemia do Covid-19 é uma das maiores crises civilizatórias que trouxe à tona as diferenças existentes em termos sociais, culturais, econômicos, políticos e educacionais, principalmente, no Brasil em que tivemos uma quantidade absurda de óbitos ocasionados por essa doença. Os nossos sentimentos e compaixão aos familiares de todas as pessoas nesse país que perderam seus entes queridos por essa guerra ao Covid-19 e por esta crise sanitária.

O Brasil para além da pandemia do Covid-19 caracteriza-se como uma das nações mais desiguais do mundo, especialmente, por causa das características sociais, históricas e culturais. A pandemia do Covid-19 somente trouxe à tona com mais clareza os problemas sociais que historicamente já enfrentamos, bem como suas contradições ao longo do tempo. Quanto à Educação não poderia ser diferente, uma vez que a carência de investimento em políticas públicas e a ausência de processos de formação de professores vêm proporcionando uma série episódios complicados, complexos e preocupantes no que diz respeito do rumo desse cenário a nível nacional nas escolas públicas. Pois a pandemia do Covid-19 proporcionou mais ainda a exclusão de estudantes que sequer conseguem acompanhar o processo ~~de~~ educativo dentro da realidade que vivenciam nos seus espaços familiares.

Por causa desse momento tão complexo, a escola da Educação Básica e a Universidade precisaram de algum modo encontrar maneiras de interagir com os estudantes, por exemplo, na perspectiva *online* ou remota. Isso trouxe uma série de incertezas e de inseguranças no que tange aos processos educativos, uma vez que o nosso histórico de formação é no presencial. Contudo, essa é a maneira que encontramos de estarmos juntos com os nossos estudantes e de algum modo com seus familiares (principalmente, no espaço da escola por causa da necessidade do isolamento social, em função da pandemia), pois as decisões em nível de governo tampouco proporcionaram outro cenário diante desse contexto tão triste e complexo



que estamos vivenciando.

Somos um coletivo de estudantes dos nossos cursos de licenciatura, colegas professores das escolas e da universidade da região sudoeste do estado do Paraná que constituem o *Grupo de Pesquisa em Educação em Ciências Naturais – GPECieN*. Aquilo que procuramos partilhar neste relato de experiência são incertezas, inseguranças, preocupações, bem como alegrias e encantamentos nos processos educativos diante das nossas intenções, crenças, argumentos e ações de modo coletivo numa perspectiva de formação acadêmico-profissional (Diniz-Pereira, 2008).

Argumentamos em favor de uma proposta de formação de professores ancorada na pesquisa, na linguagem, na integração entre a escola e a universidade, enfim, no coletivo numa perspectiva humanizadora e estética. Somos professoras e professores que escrevemos, lemos e partilhamos experiências vividas acerca da nossa constituição num momento coletivo em que aprendemos a sermos professoras e professores.

Por isso, esse relato de experiência organiza-se da seguinte maneira: [1] num primeiro momento uma descrição de algumas experiências vividas anteriormente e ao longo do contexto da pandemia e [2] num segundo momento uma análise crítica, reflexiva e teorizada acerca dos episódios elencados neste trabalho.

2. CONTEXTO E DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

Na organização desse relato de experiência alguns episódios foram elencados no sentido de partilharmos e de publicizarmos com os colegas professores pertencentes ao EIE. O nosso grupo de pesquisa surgiu das nossas inquietudes e incertezas acerca de potencializarmos ações no ensino, pesquisa e extensão nos nossos cursos de Licenciatura em Educação em Ciências, por isso - o professor Bruno dos Santos Pastoriza, a professora Cherlei Marcia Coan, a professora Danielle Nicolodelli e o professor Jackson Luís Martins Cacciamani - começamos esse movimento lá em 2013, bem como a contribuição de outros colegas que foram se agregando ao grupo no decorrer do tempo, tanto colegas professores da escola da Educação Básica quanto da Universidade, bem como nossos estudantes dos cursos de Licenciatura em Química, Ciências Biológicas, Física e Letras.

O nosso grupo de pesquisa ao longo do tempo vem propondo ações na formação de professores, especialmente, na nossa área da Educação em Ciências. O eixo que sustenta os nossos argumentos é o educar pela pesquisa e a linguagem. Por isso, gostaríamos de começar esse recorte a partir de uma frase de Clarice Lispector: “Por que você escreve? Perguntaram à Clarice. Por que você bebe água? Ela retrucou.

A simplicidade e a complexidade dessa frase sinalizam aquilo que iremos partilhar a partir daqui com os colegas professores que fazem parte dessa Roda em Rede do EIE.

A nossa aposta na linguagem (escrita, leitura, literatura, música, cinema, teatro, circo, arte etc.) encontra respaldo em alguns caminhos formativos que desenvolvemos ao longo dos anos de modo coletivo, bem como fazem parte das nossas histórias de vida e formação. O encantamento com a linguagem encontra sustento na obra de Mario Osório Marques (2001) acerca da essencialidade da escrita no processo de pesquisa e na proposta metodológica, pedagógica e epistemológica do educar pela pesquisa (Galiazzi, 2003). Ainda encontramos respaldo em Gustavo Bernardo (2007)



que propõe a importância do processo de argumentação no espaço-tempo de ensinar e de aprender. Mas [...] uma argumentação que tampouco tem a intenção de convencer o Outro, mas, sim, de (re)construirmos e (re)inventarmos as nossas ideias a partir da interação dialógica com o Outro.

Nesse sentido, Paulo Freire (1994) menciona que o diálogo é o meio pelo qual trocamos informações, ideias e culturas. É por meio da relação dialógica que as pessoas conseguem interagir, partilhar experiências, intercambiar conhecimentos e constituir práticas democráticas e inclusivas de viver a coletividade. Isto sem imposições, argumentos de autoridade e ou tentativas de monopolizar as decisões.

Mercê Izquierdo e Neus Sanmartí (2000) argumentam em favor de ensinarmos e aprendermos juntos com os nossos estudantes a lermos textos de Ciências, isto é, numa perspectiva de alfabetização e divulgação científica. Obviamente, que isso vem sendo defendido por diversos colegas na área da Educação em Ciências ao longo do tempo e, especialmente, nesse momento da pandemia do Covid-19 poderemos analisar o quanto isso é importante, por exemplo, no sentido de construirmos argumentos consistentes que proporcionem o entendimento da importância de fazermos as vacinas, de usarmos máscara e de cuidarmos da higienização, de evitarmos aglomeração, de que nos momentos que estamos cuidando de nós mesmos também estamos cuidando das demais pessoas [...] numa perspectiva (interpretação e argumento do nosso coletivo) mais humanizadora.

Por isso, acreditamos que o nosso processo de formação enquanto professoras e professores é uma incursão na linguagem. Isso para além das nossas áreas de formação inicial de conhecimento, mas a ideia de que para além dessas fronteiras (aqui estamos entendendo fronteiras como um caminho recursivo, complexo e formativo que integra colegas professores das diversas áreas do conhecimento) a linguagem nos constitui como seres humanos. A fala, a escrita e leitura, inicialmente, encontra consonância com as demais formas de linguagem, pois essa diversidade tão complexa e genuína potencializa pensarmos modos diferentes de aprender e de ensinar.

Ao longo dos anos diversas ações em termos de ensino, pesquisa e extensão foram organizadas coletivamente no nosso grupo procurando assim compreender a nossa constituição como professoras e professores nessa integração entre a escola e a universidade. Por exemplo, a organização do *XIII Encontro sobre Investigação na Escola* (Erechim – RS) cuja temática era acerca da linguagem; os programas de extensão na formação de professores que agregaram diversos projetos, principalmente, integrando os grupos de pesquisa TRIPEC e GPECieN; o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) ancorado no educar pela pesquisa, na linguagem e na formação acadêmico-profissional (na época os nossos colegas professores das escolas e os nossos estudantes participavam conosco do GPECieN); o Programa de pós-graduação *lato sensu* em Educação em Ciências e Sociedade que acolheu nossos colegas professores da escola e nossos egressos dos cursos de licenciatura; bem como por último o *VI Congresso Paranaense de Educação Química – CPEQUI* (evento itinerante pertencente a área da Educação Química que agregou colegas professores das escolas, estudantes das nossas licenciaturas e colegas professores das universidades), dentre outras ações organizadas e realizadas coletivamente numa perspectiva de formação acadêmico-profissional.

Ainda ao longo dos anos em parceria com os nossos colegas do setor dos estágios e demais colegas das nossas licenciaturas que trabalham, especialmente, com os Estágios Curriculares Supervisionados (ECS) organizamos as Rodas Formativas dos



Estágios (RFE) que procuraram partilhar experiências vividas acerca dessa interação entre a escola da Educação Básica e a Universidade. O projeto de pesquisa guarda-chuva do nosso grupo é acerca da linguagem na formação de professores - *A potencialidade da linguagem na formação de professores ancorada no educar pela pesquisa no espaço-tempo da escola da Educação Básica e da Universidade* - bem como neste momento estamos começando um projeto de extensão acerca da interação entre Ciências e Literatura - *A imersão na linguagem em Ciências e Literatura: a potencialidade das obras de Clarice Lispector e de Primo Levi na formação de professores em Educação em Ciências*.

Ainda ao longo desse tempo de oito anos num movimento coletivo estudamos algumas obras que consideramos importantes na formação de professores, por exemplo, Professores: Imagens de um futuro presente (Antônio Nóvoa), Escrever é preciso: o princípio da pesquisa (Mario Osório Marques), Educação como prática de liberdade (Paulo Freire) e ainda O que é Ciência, afinal? (Alan Francis Chalmers), bem como artigos acerca da linguagem. E, nesse ínterim, ainda estamos em processo de construção de um livro a respeito das memórias de professores inesquecíveis (resultado de um trabalho coletivo no grupo em que escrevemos narrativas acerca de memórias de professoras e professores que se tornaram inesquecíveis nas nossas histórias de vida, sendo que posteriormente analisamos via proposta metodológica de análise da Análise Textual Discursiva (ATD) construída pelos professores Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazzi (2007), chegando assim em algumas categorias, por exemplo, a afetividade na interação entre professores e estudantes). Estamos em processo de terminarmos a obra e assim encaminhámos para publicação. E ainda já estamos começando a organizar outra obra acerca da fotografia, ou seja, a fotografia compreendida como forma de linguagem e outra sobre a interação entre Ciências, Arte e Cultura. Obviamente, que tudo isso sequer tem a intenção de percorrer um caminho linear pois tampouco a vida é linear.

Reiteramos a importância de um processo de formação de professores que reconheça e valorize as experiências vividas nos diversos espaços e tempos educativos, principalmente, no que diz respeito aos conhecimentos e saberes construídos e reconstruídos nesse processo de formação de modo integrado entre a escola da Educação Básica e a Universidade.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

A linguagem em todas as suas formas nos constitui como seres humanos *Homo sapiens sapiens*, bem como nos distingue das demais espécies animais. Por isso, escrevemos, lemos, argumentamos, falamos, desenhamos, pintamos, cantamos, dançamos, interpretamos, etc. Esse movimento é tão complexo e ao mesmo tempo encantador que proporciona outros caminhos no espaço-tempo do processo de aprender, pois aprendemos de modo coletivo. Ou seja, aprendemos uns com os outros num movimento que não é nada linear pois cada um tem seu tempo, espaço, modo, história de vida, crenças, perspectivas, sonhos, utopias, compreensões de mundo e isso que enriquece e potencializa o processo de aprender de modo a produzir sentidos diversos em nossas vidas tanto de forma individual quanto coletiva. Reiteramos que apostamos no coletivo! Somos seres coletivos!

E quando escolhemos a linguagem como eixo orientador das nossas ações é porque acreditamos que o processo de aprender e de ensinar é uma incursão na



linguagem. Por exemplo, na música abaixo de Caetano Veloso conseguimos perceber a complexidade do tempo, pois estamos sempre nesse ínterim entre passado, presente e futuro, mas só o que temos é o presente e aprender é tempo presente. Por isso, não precisamos educar para o futuro e, sim, para o presente.

Oração Ao Tempo [Caetano Veloso]

És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo, tempo, tempo, tempo
Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo, tempo, tempo, tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Ouve bem o que eu te digo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo, tempo, tempo, tempo
Quando o tempo for propício
Tempo, tempo, tempo, tempo

De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido
Tempo, tempo, tempo, tempo
E eu espalhe benefícios
Tempo, tempo, tempo, tempo
O que usaremos pra isso
Fica guardado em sigilo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Apenas contigo e migo
Tempo, tempo, tempo, tempo
E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Não serei nem terás sido
Tempo, tempo, tempo, tempo
Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Portanto peço-te aquilo
E te ofereço elogios
Tempo, tempo, tempo, tempo
Nas rimas do meu estilo
Tempo, tempo, tempo, tempo

A relação espaço-tempo traz à tona a ideia de que precisamos aprender a aprender a lidar com a relação nada linear do espaço e do tempo, principalmente, no que diz respeito ao nosso processo de aprender e de ensinar tanto na escola da Educação Básica quanto na Universidade. Quando percebemos que aprendemos? O que aprendemos? Quando aprendemos? Por que aprendemos? Para quem aprendemos? Essas são apenas algumas das nossas inquietudes e incertezas que certamente vão nos acompanhar nessa passagem terrena, pois aprender é para além daquilo que consideramos necessário para avaliação. Aprendemos quando coletivamente reconhecemos os nossos limites e potencialidades. Aprendemos quando catalisamos nos nossos estudantes a essencialidade das relações de afeto, de confiança, de respeito e de alteridade. Aprender é prestar atenção no Outro. Aprender é ter humildade. Aprender é ser humano na sua humanidade.

Aprender é para além da escola. Por isso, argumentamos em favor das diversas formas de linguagem no processo de aprender. Poderemos mencionar diversas narrativas de colegas professoras e professores que de repente ensinando percebem que aprenderam, pois nessa interação dialógica com os seus estudantes,



especialmente, embarcamos numa viagem sem volta ao mundo da linguagem. Isso é encantador! Conforme nos ensina Marques (2001) acerca da escrita, ou seja, escrever e acrescentamos ler, deveria ser viciante como um chocolate que por causa da presença de suas teobrominas nos proporciona BIS. Claro que estamos falando por aqui da escrita e da leitura liberta, sonhadora, criativa, estética e por conseguinte, humanizadora. No momento que escrevemos e lemos potencializamos trazer à tona memórias, sentimentos, encantamentos, tristezas, incertezas, inseguranças, dentre outros aspectos. Mas [...] gostamos de fazer o exercício de apostar nas presenças para além das ausências. Clarice Lispector numa das suas entrevistas (acreditamos que numa das suas últimas entrevistas) diz ao jornalista que a entrevista - “Existe um conto que escrevi e nunca entendi - O ovo e a galinha.” Isso é de uma genialidade imensa pois no momento que escrevemos o texto em si ou o discurso produzido por esse texto já não mais nos pertence. Por isso, de forma análoga aos processos de aprender e de ensinar, de escrever e de ler, de teoria e de prática [...] embora sempre engendradas ocorrem em espaços e tempos diferentes.

Procuramos fazer um movimento de escrita acerca da nossa compreensão a respeito do tempo, sendo:

“Aprendi com a vida que o tempo é relativo.

O tempo de fora é diferente do tempo de dentro.

O tempo de fora, o tempo das coisas, se percebe pela transformação da materialidade.

A flor murcha, a ruga, o inseto em decomposição.

E o tempo de dentro, o nosso tempo é o infinito presente entre dois segundos, entre duas respirações, entre duas manhãs.” [Caroline Heinig Voltolini]

“Tempo é vida, tempo é ação, tempo é movimento, tempo é aprendizado, tempo é evolução” [Sandra Maria Wirzbicki]

“Tempo é um intervalo entre o primeiro segundo e o n indeterminado, pode caber nesse intervalo um suspiro, a escrita de um livro, uma graduação ou uma vida bem vivida” [Berta Lúcia Pereira Villagra]

Seja o tempo de Caetano contínuo, vivo, legítimo, definido ou indefinido, nos traz a discussão o quão ele, o tempo, pode ser objetivo ou subjetivo, especialmente, diante do momento tão complexo que estamos vivendo com essa pandemia do Covid-19. O alongamento do espaço-tempo se faz necessário para minimizar os prejuízos da ausência das relações humanas, que a presencialidade proporcionava.

A pandemia potencializou vivenciarmos uma crise sanitária e por conseguinte uma crise civilizatória gravíssima. Por isso, esse olhar mais acolhedor e mais estético com a escola é bastante importante no sentido de analisarmos os verdadeiros sentidos da escola e da universidade. O argumento que defendemos por aqui é de que a escola e a universidade são espaços de partilha, de ludicidade, de conhecimentos, de saberes, de potencialização da vida - num movimento coletivo.

Nóvoa (2020) afirma que a escola é um local essencial de socialização e de encontros. A aprendizagem se dá com o outro e com todas as suas peculiaridades. É na escola que nos construímos como seres coletivos. O contrário disso é o isolamento e a negação de nossa natureza humana. Neste momento tão delicado e complexo da humanidade em que uma pandemia mundial nos obriga ao afastamento, a escola teve que repensar o seu papel. Assim, talvez mais do que pensar em conteúdos e avaliações que deixaram de ser realizados, o mais importante para os professores



deveria incluir o apoio aos estudantes e suas famílias. Exercendo a escuta, a empatia e a solidariedade. É em momentos assim que a escola reafirma de fato a sua importância.

Quando analisamos o espaço e o tempo e a nossa relação com esses dois parâmetros ao longo da nossa história de vida poderemos pensar em quantas vezes gostaríamos de ter mais tempo para conversar com as pessoas?, quantas vezes gostaríamos de voltar no tempo?, quantas vezes gostaríamos de sublimar os ponteiros do relógio?, quantas vezes gostaríamos de estar mais tempo ao Sol?, quantas vezes gostaríamos de ter mais tempo para apreciar a beleza da Lua?, quantas vezes gostaríamos de ter mais tempo de viver no sentido pleno da palavra?, dentre outros questionamentos que nos proporcionam pensar que a nossa relação com o espaço-tempo é para além da proposta de Einstein. Pois como disse a professora Caroline o tempo de dentro e o tempo de fora são diferentes. O tempo de dentro relaciona-se com o encontro consigo mesmo e por isso, não apresenta essa linearidade que nos faz estar atentos ao “tic-tac” do relógio. Enquanto escrevemos essa parte do texto lembramos de um documentário muito interessante que assistimos juntos no nosso GPECieN - “Quanto tempo o tempo tem” - que nos faz pensar acerca da relação entre o espaço e o tempo nas diferentes civilizações humanas, por exemplo, a relação entre o espaço e o tempo dos nossos estudantes indígenas é totalmente diferente daquela que consideramos dentro das nossas perspectivas, assim como é a relação que as comunidades indígenas têm com a natureza - precisamos aprender muito com eles.

Nesse sentido, as atividades e estudos do GPECieN procuram estar articuladas num movimento coletivo e para além de aspectos acadêmicos, pois buscamos no coletivo o espaço e o tempo para transformar nossas ações de modo mais humano e potencializador de sentidos nos espaços de ensinar e de aprender, quer seja na escola da Educação Básica ou na Universidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço-tempo do nosso grupo de pesquisa vem procurando compreender a importância da linguagem no processo, no nosso processo de formação acadêmico-profissional. Somos professoras e professores que escrevemos, lemos, dialogamos e assim partilhamos experiências vividas acerca das nossas lidas nos diversos espaços educativos.

O educar pela pesquisa e a linguagem adquirem destaque no sentido de entendermos que o processo de aprender e de ensinar é um movimento coletivo de incursão na linguagem. E quando procuramos trazer o coletivo estamos falando da proposta das Rodas de Formação (Souza, 2011) que (característica marcante nas historicidade do EIE) para além do aspecto da profissionalização percorre o caminho da humanização, nesse momento, ainda em rodas virtuais, o modo que encontramos para manter os vínculos.

Mas aguardamos ansiosamente pelos encontros presenciais porque absolutamente nada substitui a interação humana, ou seja, gostamos dessa presença presente de modo coletivo. Somos professoras e professores que numa roda de chimarrão ou numa roda de conversa potencializamos sentidos acerca da nossa formação humana e profissional.



5. REFERÊNCIAS

BERNARDO, Gustavo. **Educação pelo Argumento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 271p.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Campinas (SP): Autores Associados, 1998. 129p.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. A formação acadêmico-profissional: Compartilhando responsabilidades entre as universidades e escolas. Trajetórias e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores. In: **XIV ENDIPE**, 2008, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2008.

FONTANA, Roseli Aparecida Cação. **Como nos tornamos professoras?** 3. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005. 206p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALIAZZI, Maria do Carmo. **Educar pela Pesquisa** – ambiente de formação de professores de Ciências. Ijuí: Editora da Unijuí, 2003. 288p.

IZQUIERDO, Mercê; SANMARTÍ, Neus. Enseñar a leer y escribir textos de Ciencias de la Naturaleza. In JORBA, J.; GÓMEZ, I.; PRAT, À. **Hablar y escribir para aprender** – Uso de la lengua en situación de enseñanza-aprendizaje desde las áreas curriculares. Editorial Síntesis: Madrid, 2000. p. 181-241.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 4. ed. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2001. p.168

MORAES, Roque & GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2007. p. 224.

NÓVOA, A. Educação em tempos de pandemia. Live proferida ao Sindicato dos Professores Municipais de Novo Hamburgo RS. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FNF7i_Dpflo&t=1353s Acesso em: 22/08/2021.

SOUZA, Moacir Langoni de. **Histórias de professores de Química em Rodas de formação em Rede**: Colcha de Retalhos Tecida em Partilhas (d) Narrativas. Ijuí: Editora da Unijuí, 2011.